Revista Brasileira de Educação em Geografia
ISSN 2236-3904

AVALIAÇÃO OU PESCARIA?
Por uma distinta possibilidade da aprendizagem em Geografia na construção de instalações geográficas[1]

Emerson Ribeiro [2]
emerprof@hotmail.com

Resumo
O trabalho realizado especifica uma abordagem diferente sobre a prática pedagógica e a avaliação. Sabemos dos riscos empreendidos no diferente, mas é necessário quando pretendemos realizar algo novo. A prática inserida tem a pretensão de mostrar como o ensino de Geografia no Ensino Médio pode encontrar na Arte sua relação de ensino aprendizagem. O Processo consiste na construção da avaliação, é aplicado um conteúdo teórico para uma manifestação prática – na forma de instalações. A apresentação /avaliação se deu na forma de instalações e performance no pátio da Escola Estadual Brigadeiro Tobias no município de Sorocaba/SP, com alunos do terceiro ano do ensino médio. O encontro com novas práticas pedagógicas que levem a desvendar outra metodologia de avaliação, pode nos levar ao encontro de um novo processo de ensino aprendizagem, baseado no teórico/ prático sem esquecermo-nos da manifestação criativa.

Palavras-chave
Avaliação, Prática Pedagógica, Instalações, Arte, Geografia, Educação.

EVALUATION OR WOULD FISH?
Por a distinct possibility of the learning in geography in the construction of geographic installations

Abstract
The carried through work specifies a practical different boarding on pedagogical and the evaluation. We know of the risks undertaken in the different one, but it is necessary when we intend to carry through something new. Practical the inserted one has the pretension to show as geography education, in average education can find in the Art its relation of education learning. The Process consists of the construction of the evaluation, is applied a theoretical content for a practical manifestation - in the form of installations. The presentation/evaluation dog if gave in the form of installations and performance in the patio of the State School Brigadier Tobias in the city of Sorocaba/SP with pupils of the third year of average education. The meeting with new practical pedagogical that leads to unmask another methodology of evaluation, can in them take to the meeting of a new process of education learning, based on the practical theoretician without forgetting itself the creative manifestation.

Key words
Evaluation, Practical Pedagogical, Installations, Art, Geography, Education.

---

[1] Texto apresentado em Grupo de Trabalho (GT) do XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia (ENPEG), realizado na Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia (GO), 2011.

[2] Doutorando em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor Assistente na Universidade Regional do Cariri (URCA). Departamento de Geociências/Geografia. Rua Cel. Antônio Luis, 1161, Bairro Pimenta, Crato (CE); CEP 63100-000.

Exórdio

O que seria avaliar? Termo este acreditado por muitos autores que discutem a educação e avaliação. Mas seria avaliar um ato apenas de pescaria? Atingir um objetivo, planejado, mediado, verificando o tipo de peixe que se quer fisgar, que tipo de anzol, qual isca devo usar, oops! Melhor, qual seria o modelo mais adequado para verificar a aprendizagem?

Por isso, no que diz respeito ao ensino e aprendizagem parece ser necessário compreender a natureza da avaliação ou das avaliações. Nesse sentido coloco como necessidade de uma avaliação alternativa aos modelos já propostos, uma avaliação por instalações que requer uma construção do conhecimento geográfico e da arte para a superação do cotidiano escolar.

Primeiras impressões

Em relação à avaliação, existe uma variedade de designações, conceitos que normalmente são utilizadas quando os seus autores querem referir a algum tipo de avaliação. Fernandes (2006), baseando-se em diferentes autores apresenta as seguintes designações: avaliação autentica (Telles), avaliação contextualizada (Berlak), avaliação formadora (Nunziati), regulação controlada dos processos de aprendizagem (Perrenoud) e avaliação educativa (Gipps).

As avaliações citadas se referem a uma avaliação para orientar, para melhorar as aprendizagens, mais contextualizada a um papel em que o aluno tem a desempenhar. Segundo (FERNANDES, 2006, p. 25).

> Num certo sentido poderemos dizer que todas são alternativas a uma avaliação que, genericamente, se caracteriza por dar mais ênfase aos processos de classificação, de seleção e de certificação, aos resultados obtidos pelos alunos, à utilização sumativa dos resultados dos testes ou à prestação de contas.

De certa forma pode-se analisar as características dessas avaliações e suas mutações e perceber que elas são variações, como aponta Fernandes, mais ou menos

elaboradas de uma avaliação formativa inspirada em concepções cognitivistas, construtivistas e/ou socioculturais da aprendizagem.

Sendo assim, usando do empirismo observa-se que os colegas do ensino fundamental e médio, das escolas públicas do Estado de São Paulo, usam de diversas formas de avaliação[3], se é que podemos chamar de avaliação algumas delas.

O que apresento aqui de forma suscita nesse texto é a realidade do ensino público paulista estadual. Com as reformas implantadas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, no que refere à avaliação, destaco a progressão continuada "chamada pelos professores de progressão automática" implementada no final da década de 90, e o apostilamento do ensino, instituído em meados de 2008 engessando e homogeneizando o conhecimento[4].

Em linhas gerais, muitos professores chamam de avaliar o processo de ensino aprendizagem quando o aluno em sala de aula passa a fazer as tarefas, exemplo: é explicado um tema e depois dado exercícios. Os alunos fazem as tarefas e depois o professor atribui uma nota. Muitos deles copiam uns dos outros sem se preocuparem se esta correta ou não. O professor verifica se foram preenchidas as questões e faz sua atribuição de nota ou pontos, que mais tarde no fechamento do bimestre são somados e divididos atribuindo um conceito.

O que temos nesse tipo de verificação não é uma avaliação e sim a realização de exercícios para uma dada nota no final do bimestre.

Outro exemplo é a realização dos exercícios na apostila, também atribuída uma nota como se fosse uma avaliação, mas o temos nesse tipo de atividade é um exercício de fixação.

Também é chamada de avaliação a apresentação de um trabalho escrito e entregue pelos alunos e que na maioria das vezes "quase sempre" são tirados da internet sem a menor preocupação de pesquisa, na realidade é usado o "CTRL C e CTRL V", e aceito por muitos professores. A apresentação de trabalho é sim um tipo de avaliação,

---

[3] Em conversas com vários professores pude verificar as formas de avaliação aplicadas por eles em sala de aula.

[4] Essa reforma política esta atrelada as teses neoliberais implantadas pelo PSDB no estado de São Paulo que ocorrem em boa parte do mundo, não cabendo nesse texto essa discussão.

porém, quando essa é realizada de forma correta, com pesquisa bibliográfica, etc. A critica a essa aceitação por parte de muitos professores sobre esse tipo de avaliação é que ela não é realmente uma avaliação e sim mais um trabalho para contar nota.

Aqui caberia uma discussão ética sobre o trabalho do professor, mas não iremos realizar devido à pertinência do tema, mas deixamos as respostas de muitos professores "se eu não aceitar eu não tenho como dar nota, pois eles não fazem nada, não estudam, não querem saber de nada, e entregam o que foi pedido de qualquer jeito."

Entre outros tantos professores muitos realizam o primeiro exemplo: exercícios ou questões e passam o ano sem realizar uma avaliação mais elaborada, outros passam um trabalho escrito e aplicam uma avaliação onde é dado a matéria a qual foi "ensinada" e eles tem que estudar, ou seja, rever toda a matéria.

Esse é o perfil de muitos professores da rede estadual paulista, que junto à decadência do magistério fundamental e médio. Devido às políticas públicas implementadas nesta década, que visando senão o desenvolvimento econômico e o mercado, junto ao enxugamento da máquina estatal. E aplicando a terceirização do trabalho, tentam realizar o possível diante do processo de ensino aprendizagem.

Mas o que podemos perceber é que os professores carregados por uma carga horária pesada e um salário defasado, passam a realizar o mínimo, quando se trata da avaliação, pois essa gera muito trabalho e tempo para a correção do material aplicado.

Partindo do exposto reforçamos o titulo usando de uma metáfora avaliação ou pescaria. Pescaria é o que se vem fazendo com o ensino público fundamental e médio no Estado de São Paulo, onde temos poucos peixes fisgados por alguns professores que tratam a avaliação como um processo de ensino aprendizagem e não apenas como mais um dos exercícios a ser aplicada na sala de aula para atribuir-lhe uma nota no fim do bimestre, não que não seja importante esse tipo de abordagem para o processo de aprendizagem.

Para a superação no processo de ensino aprendizagem propomos como alternativa as avaliações acima descritas; por uma avaliação de instalações em geografia, uma avaliação construtiva. Antes, de enfocar a avaliação por instalações,

vamos compreender o termo usado por muitos professores como "avaliação alternativa".

A expressão avaliação alternativa, ao longo da década de 90 do século XX, tem sido usada constantemente na literatura como se fosse uma muleta para segurar todo e qualquer tipo de processo de avaliação anunciado a regular e a melhorar a aprendizagens. Para Fernandes é focado nos processos, mas sem ignorar os produtos, participado, transparente, que não seja essencialmente baseado em testes de papel e lápis e integrado nos processos de ensino e de aprendizagem.

Para Fernandes (2006, p.24), "a designação avaliação alternativa está associada a um conjunto de características e práticas próprias da avaliação formativa de inspiração cognitivista e construtivista, nem sempre é claro do que se está realmente a falar quando é utilizada", pois, essa designação pode significar passagens diferentes para diversos autores.

Devido às concepções teóricas e filosóficas de vários autores a avaliação da aprendizagem recebe diversos conceitos, termos e interpretações. Segundo Libâneo o conceito de avaliação da aprendizagem apresenta-se como

> (...) o componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas. (LIBÂNEO, p, 196. 2004).

Para Luckesi (2006), a pedagogia jesuítica definia como um ensino eficiente o ritual de provas e exames, assim, como a pedagogia Comeniana que priorizava os exames para estimular o aprendizado dos alunos. Esse tipo de avaliação era baseado no medo, na punição e no ato de disciplinar.

Entre esses diversos processos de avaliação podemos concluir que ao longo do tempo, diversas matrizes e concepções teóricas conforme o tempo histórico e os interesses da classe dominante que esta a frente das políticas públicas é que programam a concepção desejável.

Na realidade o que sobra a nossas escolas e alunos é a avaliação enquanto classificação, medida, juízo de valores, cobrança, disciplina, etc. É a punição observada

entre professores e alunos para fornecer dados estatísticos de aprovação para uma sociedade insaciável marcada pela competição.

Elementos para o baldrame

Em "A formação social da mente" de Vygotsky buscamos um referencial teórico para o suporte pedagógico que o fundamente dando consistência para a reflexão interna na busca do aprendizado que leve as instalações e performance dos alunos (RIBEIRO, 2009).

Para Vygotsky, o aprendizado começa muito antes de a criança entrar na escola, também podemos afirmar que o aprendizado escolar produz algo novo no desenvolvimento infantil. O conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) trata da questão de como a criança pode vir a ser o que ela ainda não é e deve ser.

> a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independentemente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas a orientação de um adulto ou a colaboração com companheiros capazes. (VYGOTSKY, 1989, p.111).

Embora o conceito de ZDP possa se referir a múltiplas situações de interação social, vividas pelos sujeitos na cultura, por exemplo, no âmbito do trabalho, família, lazer, etc, ele representa uma significativa contribuição de Vygotsky para a área escolar (NUNES e SILVEIRA, 2009).

Vygotsky aborda também a inter-relação entre os conhecimentos científicos e os conhecimentos espontâneos, promovendo a criança para o nível mais elevados do desenvolvimento entre o mental e o aprendizado escolar. Com Kramer, usurpado de Soares em Girassóis ou Heliantos:

> (...) os conceitos científicos e os conceitos espontâneos da criança surgem de formas diferentes e se movimentam (ou desenvolvem) em direções contrárias: os científicos em direção descendente, os espontâneos em direção ascendente. Contudo, os dois tipos de conhecimento relacionam-se fortemente: pressionando seu percurso "para cima", os conceitos cotidianos abrem caminho para os científicos (e seu movimento descendente); e estes simultaneamente,

> ao se desenvolverem "para baixo", fornecem estruturas para o desenvolvimento ascendente dos conceitos espontâneos. (SOARES, 2001, p.119)

Com Vygotsky (1989, p.100):

> a disciplina formal dos conceitos científicos transforma gradualmente a estrutura dos conceitos espontâneos da criança e ajuda a organizá-los num sistema; isso promove a ascensão da criança para níveis mais elevados do desenvolvimento.

A contribuição de Vygotsky para o desenvolvimento da criança e do jovem aponta a zona de desenvolvimento proximal como o elemento psicológico em constante transformação. Nas relações humanas, e em termos de atuação pedagógica, esse conceito traz a importância do professor, de acender nos alunos o interesse por dado conhecimento que não ocorreriam espontaneamente, sem a interferência exatamente na zona de desenvolvimento proximal dos alunos.

Para que isso seja possível, não podemos mais negar a realidade em que o aluno está inserido, a construção de conceitos deve se dar a partir da inter-relação de conhecimentos cotidianos e científicos. (RABELO e CAVALCANTI, 2009).

A teoria Vygotskyana, passa pelo processo de formação de conceitos.

> As formulações de Vygotsky sobre esse complexo processo de formação de conceitos ajudam os professores a encontrarem caminhos no ensino para cumprir objetivos de desenvolvimento intelectual dos alunos, com a contribuição específica das matérias básicas do currículo escolar, como é caso da geografia. Com efeito, os conteúdos dessa disciplina têm como um dos eixos de estruturação os desdobramentos de conceitos amplos da ciência a que correspondem, e são encarados como instrumentos para o desenvolvimento dos alunos. (CAVALCANTI, 2005, p. 197)

Para Cavalcanti, o ensino de Geografia tem por objetivo levar os alunos a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que eles vivenciam, seja de modo direto ou não, como parte da história social, sendo o raciocínio espacial importante para a realização de práticas sociais variadas, já que essas práticas são práticas sócio-espaciais (RABELO e CAVALCANTI, 2009).

Desenvolver a espacialidade e entender os fenômenos experimentados deve ser estimulado nos alunos desde a tenra idade com objetos ou sujeitos que permeiam o

campo social e a prática-espacial. Permitir ao aluno construir suas impressões dialogando com suas representações, para construir suas aprendizagens de acordo com suas experiências, tendo na avaliação um instrumento de aprendizagem.

Para dar forma a nossa intenção pautada na avaliação por instalações geográficas precisou de outro elemento que Vygotsky nos fornece e que ele compreende que a possibilidade de ser humano se encontra na arte ou produção expressiva e que a experiência-ampliada pela imaginação – se materializa num produto. O produto criado extrapola o autor, vai adiante, assim criando uma imensa necessidade de atuar:

> Surgindo da vida e para ela se dirigindo, o papel da arte é, pois, fundamental como atitude dialética de edificação da vida... A criatividade é essencial seja na produção de uma obra, seja no consumo ou desfrute. E seu papel social é impar, pois como nos fala Vygotsky, sem uma arte nova não haverá um homem novo (...) (KRAMER,1993 apud SOARES, 2001, p.120).

Vygotsky aponta que a criação não existe apenas nos acontecimentos científicos, nos desenvolvimentos técnicos, nas grandes obras, nos gênios da arte. A criação surge onde existe um homem imaginando, e com esse dizer, nega a separação entre imaginação e realidade (SOARES, 2001, p.120).

A escola tem um papel importante para a superação do cotidiano e o desenvolvimento dos alunos, partindo do ponto imaginário com a ajuda do professor e colegas no processo de criação.

Assim, a avaliação por instalações diante do processo de avaliar se constrói pautada nos conceitos geográficos e na arte para que não fique aprisionada apenas a verbalização dos conceitos e termos, mas que alcance pela mediação da arte a superação dos fenômenos que fazem parte do processo de ensino aprendizagem materializando-se na prática espacial-social.

A avaliação por instalações geográficas se dá na forma e conteúdo, ou seja, pelos conceitos apreendidos e estimulados pelo professor e o meio social- espacial. Essa avaliação parte da imaginação do professor em materializar o conteúdo ensinado aos alunos e eles aquilo que esta em gestação, em vibração mental, da aprendizagem se realize pela avaliação construtiva.

O termo utilizado "avaliação construtiva" é dado pelo encaminhamento do processo de ensino aprendizagem e de como ele é realizado. Não só com provas e avaliações ou textos, mas sim por um objetivo que leve o aluno a unir o conhecimento ensinado pelo professor com a pesquisa, a criação e a arte, sobre o tema abordado transformando-o e materializando em instalações geográficas, ou seja, como representar o que foi estudado em sala de aula ou campo, essas, por conseguinte atuam nas estruturas mentais por associações, experimentadas e vivenciadas pelo lugar, da apresentação, da sua forma e de seu conteúdo que só se torna possível pela pesquisa objetiva real.

A Obra

Esse trabalho realizou-se na escola EE Brigadeiro Tobias, localizada no município de Sorocaba-SP, com os alunos do terceiro ano do ensino médio. Conteúdo programático; "Choque de civilizações?" Proposta essa da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Essa proposta poderia ser abordada de várias maneiras, entre eles dentro do ensino tradicional, porém, como a nossa proposta é de superar as avaliações tradicionais (não que devemos dispensá-la no todo), contudo é preciso uma boa dose de criação[5] e imaginação para materializar a teoria em prática, contextualizando-a em conhecimento e não na memorização.

Para encontrar essa prática, essa didática, temos que usar da representação da paisagem, deslocando-a do livro didático para outra forma de expressão da linguagem, essa é as instalações ou se necessário a performance. Exemplificando a didática temos:

- Abordagem por estimulação sobre o que conhecem sobre o assunto retratado, no caso choque de civilizações.
- Conteúdos teóricos e delimitação do processo histórico-geográfico e uso de mapas.
- Ensaios e erros, apresentação de imagens (mapas).

[5] O processo de criação não se traduz como a simplicidade da beleza de uma flor. Esse processo será num outro texto abordado.

- Estabelecer relações entre fatos e conceitos.
- Questionamentos a respeito do tema, competências e habilidades apuradas.
- O professor delega a tarefa de pesquisar um conflito étnico-religioso conflituoso e as relações com o lugar/território e a paisagem.
- Avaliação, instalações ou performance.

Neste momento, a da avaliação, que as instalações deve se manifestar, a criação e o criador se encontram no espaço, pois exige do aluno além da aprendizagem a criatividade que perpassa as estruturas mentais, porque exige projeto, projeção mental, força de criação, conhecimento do conteúdo que irá construir durante todo o processo de criação, repetimos, relação por contrastes[6].

Nesse exemplo os objetos a serem utilizados para representar o conteúdo proposto são:

- Uma mala velha (aquela da avó, essa abordagem do professor relacionando o material no espaço, contextualizando no cotidiano do aluno é de suma importância didática).
- Roupas de festa; as meninas de vestido longo e os meninos de terno e gravata com os cabelos penteados e os dentes escovados (novamente friso que a abordagem traduz um feito importante para o desenvolvimento do trabalho.
- Mapas que traduzem os conflitos no território.
- Textos sobre choque de civilizações e os conflitos étnico-religiosos.
- E uma grande dose de criatividade por parte dos alunos e professor.

Nessa construção avaliativa os alunos vão se deparar com um problema, como representar o que foi estudado? Os conceitos chaves da geografia são o lugar/território e a paisagem para essa manifestação do ensino aprendizagem.

Essa avaliação construtiva é individual, que irá envolver atitudes, compromisso, formas de lidar com o processo avaliativo, pesquisa, criação e discussão envolvendo o grupo (colegas de classe). A família também passa a ser consultada, devido ao objeto (no nosso caso a mala velha) e em alguns casos se envolvem no conteúdo abordado.

---

[6]RIBEIRO, Emerson. Práticas pedagógicas- o ensino geográfico por instalações. 2009.

Liderança é observada pelo professor na busca pelo conhecimento, distribuição das tarefas e materiais a serem arranjados, etc.

Em sala de aula as discussões são pertinentes aos objetos a serem colocados para a representação desses conflitos religiosos. Também, é feito um texto que explique os materiais abordados e a pesquisa realizada, abordarei nesse texto parte de um relatório de uma aluna do ensino médio que trabalhou os conflitos existentes no Haiti e o material utilizado por outro aluno, para compor os conflitos étnicos religiosos em Israel.

> *"O vodu teve origem na África num reino chamado Daomé, atualmente conhecido como Benin. Com a escravidão, os escravos foram capturados e levados para que fossem trocados, por armas, alimentos... etc. Como na época a igreja católica demorou a constituir um clero que pudesse batalhar pela religião cristã no Haiti, esta ausência prolongada deu aos escravos a oportunidade de combinarem a sua religião, o Vodu, apesar dos conflitos com catolicismo, formando um denso sincretismo religioso (...)". {Haiti}*
>
> ***"Mala-***
>
> *Tijolo- representa o muro das lamentações*
>
> *Bíblia cortada ao meio- representa que o povo judeu se baseia somente no Antigo testamento, isso é eles não acreditam em Jesus Cristo.*
>
> *Vaquinha de batata - representa a contradição que o povo judeu caiu, pois um de seus mandamentos diz que não se deve idolatrar imagens esculpidas e na caminhada pelo deserto eles perderam a fé em Deus e acabaram por idolatrar a imagem de um bezerro.(...)"*[7]*{Israel}*

É de suma importância a pesquisa feita pelos alunos, para que possam representar na mala o conteúdo abordado. Todo o processo de ensino aprendizagem, passando pela avaliação construtiva até a apresentação requer um dialogo final que nos remeta aos erros e acertos por parte dos alunos e professor, pois ficam evidentes na apresentação as falas dos conteúdos abordados, quando eles são abordados por outros alunos, funcionários, etc. da escola, que participam dessa interação, desse movimento, num ato de aprendizado[8]. Pois, essa apresentação das instalações e performance deu-se durante vinte minutos no pátio da escola.

---

[7] Esses fragmentos de textos foram tirados dos relatórios produzidos pelos alunos, no original.

[8] Ver anexo.

Remate

O processo de ensino aprendizagem requer método, conceito, conhecimento, arte, imaginação e metodologia avaliativa, pois a avaliação é o ponto alto da aprendizagem.

O aluno em sala de aula não pode ser apenas um expectador um receptáculo, um peixe fora do aquário, ele precisa de estimulo, de objetivo, de visão futura, do caminhar para aportar em algo e de significância a sua vida ao seu cotidiano, que dê pertencimento e identidade pelo ato de sua criação.

O professor nesse processo de ensino aprendizagem é levado também ao ato de criação, é ele que direciona todo o processo de construção do saber.

A construção da avaliação pelos alunos, os conceitos ensinado pelo professor e a materialização desse ensino em aprendizagem, ocorre quando o professor passa a entoar a busca por outro processo de ensino aprendizagem, levando-o a criação de novos métodos de avaliação, diagnosticando o estado da arte na geografia, atingindo o objetivo que é de ensinar e aprender.

O PEIXE

Tendo por berço o lago cristalino,
Folga o peixe, a nadar todo inocente,
Medo ou receio do porvir não sente,
Pois vive incauto do fatal destino.
Se na ponta de um fio longo e fino
A isca avista, ferra-a inconsciente,
Ficando o pobre peixe de repente,
Preso ao anzol do pescador ladino.
O camponês, também, do nosso Estado,
Ante a campanha eleitoral, coitado!
Daquele peixe tem a mesma sorte.
Antes do pleito, festa, riso e gosto,
Depois do pleito, imposto e mais imposto.
Pobre matuto do sertão do Norte!

Patativa do Assaré (Antologia poética*)*

Referências

CAVALCANTI, Lana. S. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. In: Educação geográfica e as teorias de aprendizagens. Cadernos Cedes, nº 66, Campinas, SP: 2005. p. 185-207.

FERNANDES, Domingos. Por uma teoria da avaliação formativa. Revista Portuguesa de Educação, Braga, 2006, pp. 21-50

LIBÂNEO, José. Carlos. Didática. Pg 196. 2004.

LUCKESI, Carlos. Cipriano. Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e proposições. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

NUNES, Ana Ignez. Belém. Lima, e SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. Psicologia da aprendizagem: teorias e contextos. Brasilia: Liber Livro, 2009.

RABELO, Kamila Santos de Paula; CAVALCANTI, Lana de Souza. A avaliação da aprendizagem em geografia com base na perspectiva sócio-construtivista de ensino, 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. 2009, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre, 2009.

RIBEIRO, Emerson. Práticas pedagógicas- o ensino geográfico por instalações. IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro, 2009. Anais. Rio Claro, 2009. Disponível em: http://sites.google.com/site/seminarioposgeo/anais.

SOARES. Maria. Lucia de Amorim. Girassóis ou Heliantos maneiras criadoras de conhecer o geográfico. Sorocaba-SP: Linc, 2001.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. A formação social da mente. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1989.

Anexos



Figura 01: Instalações sendo preparadas.
Fonte: RIBEIRO, 2010.



Figura 02: Alunas do 3º ano do EM.
Fonte: RIBEIRO, 2010.

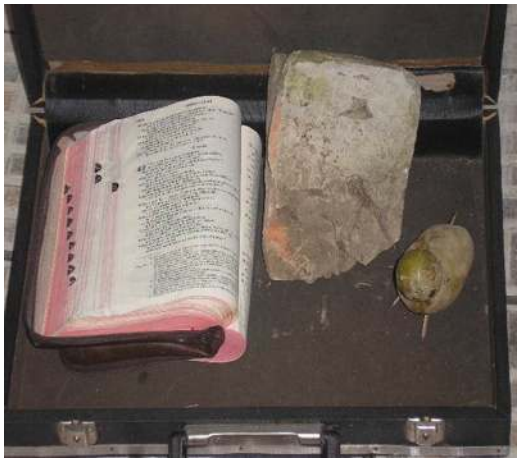

Figura 03: Conflito em Israel - Judaísmo.
Fonte: RIBEIRO, 2010.



Figura 04: Conflitos - Vodu (performance)
Fonte: RIBEIRO, 2010.



Figura 05: Conflitos - Budismo (performance)
Fonte: RIBEIRO, 2010.



Figura 06: Hinduísmo - alunos observando os signos.
Fonte: RIBEIRO, 2010.

Recebido em 20 de outubro de 2011

Aceito para publicação em 05 de dezembro de 2011